

# Criatura contra criador

Sarah K.

Tradução Heitor Ferraz Mello

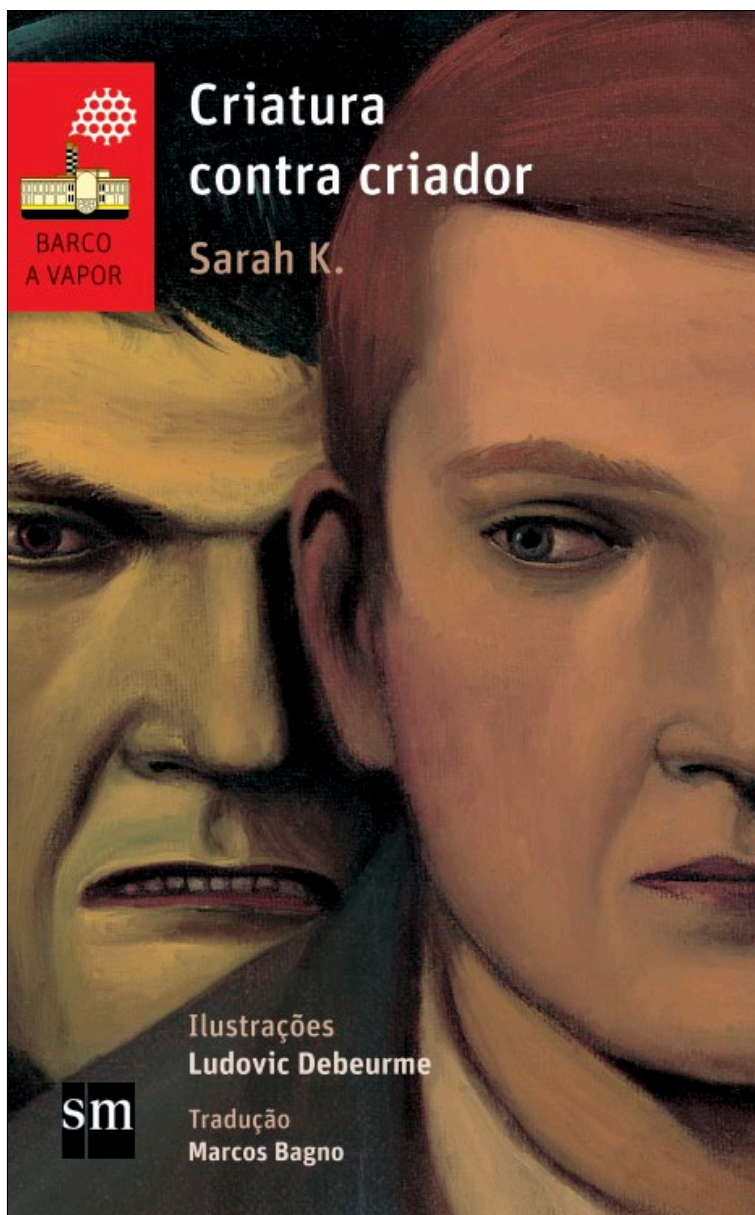
Nível leitor A partir de 12 anos

Anos escolares 7º e 8º

Temas Alegoria da criatura contra seu criador / Mito do duplo /  
Amizade / Fascinação pela literatura



## GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



2ª edição

Série Vermelha

232 páginas

**O LIVRO** Aparições fantasmagóricas inexplicáveis ou um assassino de carne e osso? A partir de uma experiência com a paranormalidade, Victor, professor de literatura, sente-se amedrontado e perdido, no limiar entre ficção e realidade, pois depara inesperadamente com um personagem criado por ele e descrito na sinopse

**A AUTORA** Sarah K. nasceu na França, formou-se em filosofia e sempre teve muita vontade de trabalhar com teatro. Deixou a carreira de professora e os sonhos de se tornar atriz de lado e resolveu escrever para crianças e jovens. Já publicou mais de quarenta livros destinados a esse público.

do livro que pretendia escrever. Nessa sinopse, esboçava o enredo de um romance policial em que assassinatos em série seriam inspirados em célebres crimes da literatura clássica. Não consegue escrever a história e não a comenta com ninguém, deixando em segredo o desejo de produzir o romance. Entretanto, começam a ocorrer homicídios exatamente iguais aos que ele havia idealizado, e uma aparição passa a persegui-lo incessantemente. Por meio da narrativa policial e tensa, a autora consegue trazer para o universo do romance alguns clássicos da literatura universal, colocando o leitor em contato com importantes e celebrados autores como Shakespeare, Victor Hugo e Dostoiévski.

## Mergulhando na temática

### O MITO DO DUPLO

Faz parte dos temas explorados por diversos escritores e tem seu fundamento na mitologia. Alguns mitos abordam a dualidade do indivíduo, especialmente quando referida ao ato criativo. O mito grego de Pigmaleão e Galateia ilustra exatamente isso: o escultor Pigmaleão apaixonou-se pela estátua que está esculpindo, Galateia, e pede aos deuses que lhe deem vida.

Muitos autores da literatura fantástica e policial exploram esse aspecto. O romance de terror *Frankenstein*, de Mary Shelley, escrito em 1818, conta a história do monstro que domina o criador. Em *Criatura contra criador*, Pauline, mãe extremosa e dedicadíssima, tem uma aparência de respeito, mas é um monstro, capaz de planejar crimes terríveis e de matar friamente o protagonista, levando-o a comer um bolo envenenado.

## INTERPRETANDO O TEXTO

**“Morte!” tinha soprado o espírito durante uma sombria e apavorante sessão mediúnica de que participara o narrador da história. Mas que espírito? E morte de quem?**

Assim começa a misteriosa trama de *Criatura contra criador*. No trem de volta a sua cidade, após a participação em um seminário sobre literatura fantástica, o professor Victor Bocchini, que narra a história, vê surgir de repente, do outro lado da porta de vidro do vagão, uma estranha aparição. Quem ou o quê seria aquele vulto? O narrador pensa reconhecê-lo pela aparência descuidada e provocativa: trata-se de alguém exatamente igual ao personagem que criara ficticiamente. Aturdido, o professor considera totalmente impossível essa hipótese: aquele estranho vulto só podia ser um fantasma, fruto de sua imaginação.

Eis o primeiro enigma da narrativa: como é possível um personagem de ficção surgir diante de seu criador? O estranho desaparece, mas deixa como prova de sua existência um jornal aberto na página de uma notícia sobre um corpo boiando no rio Sena. Apavorado, o narrador reconhece as circunstâncias do primeiro homicídio de seu romance, inspirado na morte de Ofélia, personagem da tragédia *Hamlet*, de Shakespeare. De que modo o assassino teria tomado conhecimento de suas ideias? Neste momento, a trama adquire seu contorno policial, carregado de mistério: um crime aconteceu e um enigma tem de ser desvendado.



## O ROMANCE POLICIAL

Explora o temor do ser humano perante o desconhecido, sua angústia e ansiedade diante de acontecimentos que não compreende, e seu espanto ante a resolução lógica de um enigma.

Tal somatória de sensações cria uma atmosfera de medo e suspense, uma das mais fortes características desse gênero literário.

Romances como os de Conan Doyle (1859-1930) – que imortalizou o detetive Sherlock Holmes e seu assistente Watson, decifrando crimes na Londres do final do século XIX –, os de Agatha Christie (1890-1976) – considerada a “rainha do crime” com seus personagens Hercule Poirot e Miss Marple – e os de George Simenon (1903-1973), escritor belga – pai do famoso inspetor Maigret – são clássicos do gênero policial.

### Para saber mais:

GANCHO, Candida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1980.

REIMÃO, Sandra Luisa. *Que é romance policial*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

## CRATURA CONTRA CRIADOR

A alegoria é uma figura de linguagem em que uma imagem concreta representa ou simboliza conceitos abstratos. Uma das mais lembradas é a expulsão de Lúcifer do céu, na narrativa bíblica. Levado pela vaidade e desejo de glória, a criatura revoltou-se contra seu criador.

Em *Criatura contra criador*, ainda que num jogo de aparências, essa alegoria é retomada.

## FICÇÃO OU REALIDADE?

Dias depois, ainda impressionado, o professor vê surgir na janela de sua sala de aula a mesma inexplicável aparição do homem sinistro. Amedrontado, percebe que esse estranho conhece seus hábitos, sabe onde encontrá-lo. Em outra ocasião, Victor é preso no cubículo da lixeira de seu prédio por alguém que trava a porta do lado de fora. O clima de terror da cena é reforçado por um bilhete da aparição ao seu criador: “Por que me abandonaste?”. A relação entre a criatura e o criador, sendo a criatura uma espécie de “sombra” daquele que a imaginou, traz à tona o **mito do duplo**, em que a dualidade, a disparidade, se faz presente.

Angustiado pelo medo e obcecado pelo mistério, Victor conta tudo a seu melhor amigo, Pierre, professor derrotado que odeia o que faz. Fala do primeiro homicídio cometido por seu personagem e menciona que o próximo crime seria inspirado no romance *Crime e castigo*, de Dostoiévski, com a vítima morta a machadadas. Quem seria a próxima vítima? O assassino estaria imitando o personagem?

## SUSPENSE NO AR

Nessa atmosfera, a narrativa prossegue, enfatizando os recursos do modo de contar um **romance policial**: a instauração de um clima de terror; a manutenção do suspense; a superposição de enigmas aparentemente insolúveis; a suposição de o criminoso ser alguém próximo do protagonista.

Entra em cena o detetive Michel Bescond, agente da polícia, que comunica ao narrador a ocorrência do segundo homicídio: uma velha mendiga fora morta a golpes de machado na lixeira do prédio: a ação do assassino novamente fora fiel às ideias de Victor. Surgem os mesmos pânico, mistério e suspense, mas agora acrescidos de um novo ingrediente: a análise fria dos acontecimentos feita por alguém até então ausente da narrativa. A presença de um investigador, no romance policial, tem como objetivo o resgate da verdade, separando a ilusão e a emoção dos fatos, com base na razão. Conforme a investigação avança, cada um dos personagens parece ter motivos para praticar os crimes. Surgem os suspeitos, mas nenhum deles é o verdadeiro criminoso, e sua identidade só é revelada no final.

A objetividade do agente Bescond toma o lugar da subjetividade e da angústia do narrador: usando uma metodologia analítica, monta as peças do quebra-cabeça e começa a desvendar os enigmas sobrepostos. Victor compreende que a “aparição”



Mary Shelley (1797-1891) e sua criatura Frankenstein são citados como exemplos de casos em que as criações ficam mais famosas do que seus criadores. Como um dos personagens menciona no livro: quem já leu o romance original? Na verdade, o que se manteve durante os séculos foi o personagem, que ganhou vida própria.

Até que ponto um personagem tem o poder de sobrepujar seu criador? Além de Mary Shelley, podemos mencionar a relação entre o escritor inglês Conan Doyle e seu personagem Sherlock Holmes. Insatisfeito com a proporção da fama de sua criatura, o autor chegou a “matar” Sherlock Holmes em um de seus livros, mas a reação dos leitores foi tão significativa que ele foi obrigado a “ressuscitá-lo” em outra aventura.

### A METALINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO DO ROMANCE

A metalinguagem é a utilização da linguagem para falar da própria linguagem. Quando um livro conta a história de alguém que escreve um livro, estamos também diante dessa função metalinguística. Em *Criatura contra criador*, a autora utiliza esse recurso: o enredo trata da história de um professor de literatura que resolve escrever um romance cujo tema são os crimes cometidos por personagens da literatura clássica. Ou seja, é a literatura dentro da literatura, explicando a si mesma.

fantasma que teme é um assassino real, não uma brincadeira da **criatura contra o criador**. A última peça desse jogo, a descoberta de como a sinopse foi parar nas mãos do assassino, aponta mais uma vez para o principal suspeito, o fracassado Pierre, que tem acesso a tudo na vida de Victor. Entretanto, um elemento surpresa fecha o mistério e também esse suspeito é excluído, sobrando apenas o criminoso: a mãe de Pierre, que desde a infância de Victor tem raiva e inveja dele. O verdadeiro assassino não é um profissional, mas alguém que, movido por um sentimento intenso de ódio ou vingança, pôde agir sorrateiramente por estar acima de qualquer suspeita. Ao ser apontado pela prova decisiva, confessa culpa e desvenda um lado escuro de sua personalidade.

Este romance, no qual a morte paira obsessivamente e cujos elementos seguem os parâmetros do gênero policial, oferece duas possibilidades de leitura: a primeira, linear, é a que segue o enredo, acompanha o drama do personagem e suas consequências. A outra, que mais chama a atenção, é o modo como o mistério é montado. Ou seja, como é construída a narrativa: os recursos que a autora usa para unir os fios da trama, entrelaçando-os num conjunto uniforme, coeso e circular. Nessa construção, ela se utiliza da **metalinguagem**. No final, quando o protagonista é assassinado pela mãe de Pierre, a narrativa volta ao início, quando uma morte fora anunciada, e o leitor compreende que a predição do espírito se confirmara.

\*Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.

## DIALOGANDO COM OS ALUNOS

---

### ANTES DA LEITURA

Uma história policial sempre agrada aos alunos e, por isso, não é difícil motivá-los para a leitura. Uma das possibilidades é levantar suas experiências anteriores com livros ou filmes desse gênero.

Autores famosos de contos e romances de terror, ou policiais, podem ser lembrados, como Edgar Allan Poe (1809-1849) — que escreveu contos considerados precursores da literatura fantástica e de terror —, Sir Arthur Conan Doyle e Agatha Christie. Alguns filmes podem ser tema de uma discussão preliminar, como *O nome da rosa* (citado na obra) ou seriados de TV que tratam de investigações policiais. A partir dessas discussões, podem-se conduzir as observações para a seguinte reflexão: o que as histórias têm em comum? Provavelmente, os alunos chegarão à estrutura básica de um romance policial: a existência de um crime, de uma vítima e de um culpado.

Além desse enredo nuclear, podem-se levantar outras hipóteses que confirmem as características do gênero: indícios que levam a suspeitos e álibis que eventualmente os inocentam, uma linha de investigação baseada no raciocínio lógico, geralmente desenvolvida por um detetive experiente, a existência de mais de um suspeito, pistas falsas que desviam a atenção do leitor, a presença de suspense e de mistério, o medo e a tensão do leitor, e um final surpreendente e, especialmente, a mudança que ocorre aos poucos com o protagonista, que fica cada vez mais aterrorizado. Tal clima de terror psicológico lembra os contos fantásticos de Edgar Allan Poe. Por serem curtos e bem escritos, os alunos podem ler, entre outros, “A queda da casa de Usher”, em classe, durante a discussão sobre o gênero de terror e policial.

### DURANTE A LEITURA

À medida que progredirem na leitura, os alunos podem discutir sobre os suspeitos apontados pelo próprio narrador e pelo investigador.

O primeiro suspeito é um dos alunos de Victor. Pelos comentários do garoto, na sala de aula, a respeito de criaturas literárias que “mataram” seu criador, como Frankenstein, Victor acredita na possibilidade de ser ele a aparição que o persegue. Também o investigador o aponta como suspeito.

O outro é Pierre. Convivendo desde a infância, Victor e Pierre são professores, mas percebe-se uma pequena tensão entre os dois, que lecionam para alunos de diferentes realidades sociais. Enquanto Victor, profissional bem-sucedido, dá aulas na escola de elite de um bairro nobre, Pierre, tímido e inseguro, leciona para alunos da periferia e odeia seu trabalho. A mãe de Pierre, mulher autoritária e controladora, queixa-se incessantemente disso para Victor, parecendo “culpá-lo” sutilmente pelo insucesso do filho.

Enquanto prosseguem na leitura, os alunos podem debater por que um desses dois personagens pode ser o verdadeiro assassino. O que os inocentaria? O que os tornaria culpados? O professor deve, acompanhando o avanço da leitura dos alunos, propor que eles elejam um dos personagens como culpado e escrevam seu perfil completo, as razões para terem-no escolhido e, no final do romance, vejam se acertaram ou não.

## DEPOIS DA LEITURA

Uma regra clássica do gênero policial é a revelação do verdadeiro criminoso nas páginas finais da história. Geralmente, a motivação do crime é pessoal. Nesse caso, a regra se aplica? Qual é o sentimento que move a personagem criminosa?

Outra atividade interessante pode ser a reconstrução das pistas ou indícios que, aparentemente feitos de detalhes banais, poderiam levar ao verdadeiro criminoso. Discutir, por exemplo, o perfil psicológico da mãe de Pierre — autoritária, dominadora e superprotetora —, delineado ao longo da narrativa, e o papel que ocupa dentro da trama talvez seja muito proveitoso para os alunos. Outra passagem que pode ser analisada é o pesadelo no qual Victor se vê envenenado: “veneno é uma arma de mulher”, e a letra inicial “P” remete a Pierre, mas também a Pauline. Um olhar mais atento poderia ao menos ter levantado uma dúvida quanto ao suspeito. Por que o leitor não se dá conta disso? Ao realizar tal atividade, os alunos entenderão a construção da narrativa, a construção de um romance do gênero policial e se aprofundarão na estrutura do texto.